



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

JULYANY SARAH DO NASCIMENTO PAZ

**O MOVIMENTO ABOLICIONISTA NA CIDADE DO RECIFE:**  
atividades legais e extralegais entre os anos de 1884 a 1888

Recife  
2024

Julyany Sarah do Nascimento Paz

**O Movimento abolicionista na cidade do Recife: atividades legais e  
extralegais entre os anos de 1884 a 1888**

Artigo produzido como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE como exigência para obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Emília Vasconcelos dos Santos

Recife

2024

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo trazer a história do movimento abolicionista na Cidade do Recife, enfatizando as ações legais e ilegais que possibilitaram a libertação de diversos escravizados na década de 1880. A construção narrativa do trabalho se apoiará em uma linguagem simples e direta, tornando-o acessível não só ao público da academia, mas aos mais variados leitores que tenham interesse no tema. Em 13 de maio de 1888, o Brasil foi o último país da América a abolir a escravidão. Esta condição não foi resultado da benevolência do Estado, mas sim de uma pressão social intensa que adveio do movimento abolicionista e da própria resistência escrava. Em Pernambuco, as corporações antiescravistas foram responsáveis por promover diversas ações legais e extralegis pela causa da abolição. Transitando entre a legalidade e ilegalidade, os abolicionistas da cidade do Recife tornaram possível a libertação de vários cativos ao longo do século XIX, principalmente entre os anos de 1884 a 1888. A longo prazo, a atuação do movimento abolicionista tomou uma grande proporção, e foi fundamental para que a Abolição fosse alcançada no país.

**Palavras-chave:** Abolição, Movimento Abolicionista, Abolicionismo no Recife.

## ABSTRACT

### **Keywords:**

This article aims to bring the history of the abolitionist movement in the City of Recife, emphasizing the legal and illegal actions that enabled the liberation of several enslaved people in the 1880s. The narrative construction of the work will be based on simple and direct language, making it accessible not only to the academic public, but to the most varied readers who are interested in the topic. On May 13, 1888, Brazil was the last country in America to abolish slavery. This condition was not the result of the State's benevolence, but rather of intense social pressure that came from the abolitionist movement and the slave resistance itself. In Pernambuco, anti-slavery corporations were responsible for promoting various legal and extralegal actions for the cause of abolition. Transitioning between legality and illegality, abolitionists in the city of Recife made it possible to release several captives throughout the 19th century, mainly between the years 1884 and 1888. In the long term, the actions of the abolitionist movement took on a large proportion, and was fundamental for Abolition to be achieved in the country.

Key words; Abolition, Abolitionist Movement, Abolitionism in Recife.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>6</b>
<b>A chegada do abolicionismo no Brasil</b>	<b>7</b>
<b>A cidade do Recife no século XIX</b>	<b>8</b>
<b>O movimento abolicionista no Recife</b>	<b>9</b>
<b>Estratégias legais a partir das notas dos jornais</b>	<b>11</b>
<b>Estratégias extralegais nas documentações pessoais</b>	<b>13</b>
<b>A resistência negra: participação no movimento</b>	<b>15</b>
<b>Considerações finais</b>	<b>17</b>
<b>Referências</b>	<b>18</b>

## **O Movimento abolicionista na cidade do Recife: atividades legais e extralegais entre os anos de 1884 a 1888**

### **INTRODUÇÃO**

Durante o Segundo Reinado (1840-1889), a abolição da escravatura foi um dos temas centrais na política brasileira. A Lei Feijó de 1831 - que proibiu a importação de escravos no Brasil, e declarou livres todos os escravos trazidos ao país a partir daquela data -, e a Lei Eusébio de Queirós de 1850 - que estipulou a proibição do tráfico negreiro no país -, anunciaram os primórdios do processo que resultaria no decreto da abolição da escravidão no Brasil. Entretanto, esse processo caminhava de maneira lenta e gradual para satisfazer as demandas da elite econômica do país, formada quase que integralmente pelos grandes latifundiários. Mostrando-se contrários à lentidão do processo, os abolicionistas “radicais” alimentaram discussões calorosas defendendo a ideia de que a abolição deveria ser decretada imediatamente.

A década de 80 enquadra a fase mais agressiva do Movimento Abolicionista brasileiro.<sup>1</sup> Nesse contexto, as estratégias adotadas pelos abolicionistas do país oscilavam entre ações legais e extralegais para obter sucesso na sua principal causa, o fim da escravidão. Em Pernambuco não foi diferente, os abolicionistas se engajaram de diferentes modos para conseguir o maior número de liberdades possível. Entre os anos de 1884 a 1888 surge uma quantidade significativa de clubes emancipacionistas na cidade do Recife. Após se institucionalizar os clubes organizavam suas reuniões para discutirem a respeito da pauta e promoviam uma gama de eventos a fim de arrecadar fundos para comprar cartas de alforrias. Enquanto as ações legais dessas associações podem ser facilmente percebidas através das notas dos jornais “O Diário de Pernambuco” e “O Jornal do Recife”. As práticas e performances extralegais - de algumas delas - estão em sua maioria, presentes em documentações mais pessoais, como cartas trocadas entre os abolicionistas, e alguns depoimentos escritos pelos mesmos. É importante ressaltar que o ano de 1884 foi a data da abolição da escravidão na Província do Ceará, esse advento colaborou para que ocorresse um aumento no fluxo de fugas interprovinciais dos escravizados que partiam de Pernambuco.

Ao longo da década de 80 a luta dos cativos pela liberdade também foi ganhando força e a resistência tornou-se evidente. Os escravizados passaram a se organizar em grupos, onde planejavam insurreições, essas quando efetivadas causavam pânico na população.<sup>2</sup> Esses planos muitas vezes detinham participações de abolicionistas, além

---

<sup>1</sup> ALONSO, Ângela. **Flores, Votos e Balas: O movimento abolicionista brasileiro (1868-88)**. Companhia das Letras, São Paulo, 2015.

<sup>2</sup> MACHADO, Maria Helena. **O Plano e o Pânico: Os movimentos sociais na década da Abolição**. Rio de Janeiro: Editora. EDUSP, 1994.

disso, os abolicionistas também difundiam ideias e opiniões que muitas vezes inspiraram os cativos a reivindicar por sua liberdade.

### **A chegada do abolicionismo no Brasil**

Para iniciarmos a discussão proposta neste artigo, é necessário compreendermos previamente o que foi o abolicionismo, qual sua importância e em que momento da história ele se fez presente. Sendo assim, o primeiro tópico deste trabalho se preocupa em explicar sucintamente o movimento abolicionista, quais seus objetivos e como ocorreu a sua chegada no Brasil.

De acordo com Celso Castilho, o abolicionismo foi um movimento político e social que visou à abolição da escravidão e do comércio de africanos. Desenvolvido na Europa, principalmente na Inglaterra e na França, durante o período do iluminismo do século XVIII, o movimento abolicionista realizou intervenções que possibilitaram um significativo avanço da luta pela libertação a nível mundial.<sup>3</sup>

Em meados do século XVIII e início do XIX houve a consolidação do sistema capitalista e a expansão do mercado consumidor em nível global, multiplicando as viagens transnacionais. Conseqüentemente, isso resultou em uma alta no fluxo internacional de pessoas, que impulsionou a disseminação de experiências políticas.<sup>4</sup> O surgimento de novas tecnologias como o navio e o telégrafo ampliaram ainda mais o alcance das informações e as transmitiram em maior velocidade.

Nesse contexto, o movimento abolicionista se difundiu mundialmente e se tornou uma das formas mais representativas de ativismo político. Reunindo militantes de diferentes países, o abolicionismo formou uma rede de sociabilidade transnacional, que se mantinha em constante comunicação, discutindo acerca da abolição. A partir da referência estrangeira, os militantes brasileiros construíram um ativismo local bem estruturado, que se adaptou à realidade do país e teve suas subjetividades. Uma delas, foi o uso dos teatros como ponto de encontro, e principalmente como meio difusor da propaganda abolicionista.

Durante a década de 1880 o movimento abolicionista brasileiro já estava estruturado e bem definido. Para além do parlamento, o discurso abolicionista estava presente nos mais diversos espaços, os militantes escreviam notas dos jornais, produziam panfletos, promoviam espetáculos teatrais e uma série de eventos beneficentes à causa. Além disso, faziam tumultos e marchas em espaços públicos, com o objetivo de alcançar largamente a esfera pública e construir uma identidade coletiva em favor da abolição.

---

<sup>3</sup> CASTILHO, Celso. **Abolitionism Matters: The Politics of Antislavery in Pernambuco, Brazil, 1869-1888.** California, 2008.

<sup>4</sup> SILVA, Eduardo. Integração, **Globalização e Festa: A abolição da escravidão como história cultural.** In: PAMPLONA, Marco A. (org). *Escravidão, exclusão e cidadania.* Rio de Janeiro, 2001.

### **A cidade do Recife no século XIX**

No século XIX, principalmente nas últimas décadas, houve o crescimento da produção do algodão. Este advento marca o início do processo de industrialização em Recife, com a inauguração de várias fábricas têxteis, sendo uma delas a Fábrica de Tecidos Cotonifício da Torre, construída, segundo Rosilda Guedes, no ano de 1884.<sup>5</sup> Nesta nova realidade, a cidade elevou os índices de importação e exportação que eram superados apenas pelo do Rio de Janeiro, a corte. A melhora da economia refletiu diretamente em diversos avanços na estrutura da capital recifense.

Ao contrário do que se pensa no imaginário popular, a ideia de trazer progresso para a província de Pernambuco não surgiu apenas no século XX, mas sim um século antes. De acordo com Wellington Barbosa, no século XIX, a cidade do Recife - assim como outras capitais - já insistia em se parecer com Londres e Paris, por serem consideradas as cidades mais modernas e civilizadas do mundo.<sup>6</sup> Nesse contexto, a série de governantes que administraram Pernambuco tentaram tirar da província os símbolos e as estruturas que remetiam ao passado colonial, o que conseqüentemente iniciou um processo de transformações.

Como mencionado anteriormente, várias foram as mudanças que marcaram a cidade do Recife no século XIX, dentre elas está a fundação da Faculdade de Direito do Recife, e do Ginásio Pernambucano. A Faculdade de Direito do Recife foi a primeira instituição de ensino superior da província. Ela surgiu no dia 11 de agosto de 1827, a partir de um decreto imperial. Inicialmente foi instalada no Mosteiro de São Bento, em Olinda, e foi transferida em 1911, para o prédio de arquitetura eclética, localizado na área central do Recife. Já o Ginásio Pernambucano, foi construído no ano de 1825, por decreto do presidente provincial José Carlos Mairink da Silva Ferrão. Em 1855, foi construído um novo prédio na Rua da Aurora, a partir da iniciativa do Conde da Boa Vista. Nesse novo prédio passou a funcionar o Ginásio Pernambucano, antes nomeado de Liceu Provincial de Pernambuco. Ambas as instituições mostram a preocupação dos governantes com a melhora da urbanização e com a valorização do conhecimento na capital. Outra construção importante foi a do mercado de São José em 1875, que trouxe à elite a possibilidade de se abastecer pela primeira vez em um espaço salubre. Ainda, nas duas últimas décadas dos oitocentos, o corpo de polícia também passou por algumas reformas que tornaram sua administração um pouco mais estruturada, o que trouxe um sentimento maior de segurança para os que compunham a camada mais abastada da sociedade.

---

<sup>5</sup> GUEDES, Rosilda Remígio. **A Preservação do Cotonifício da Torre**: usos da memória e problemas urbanos. Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Museologia da UFPE- Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

<sup>6</sup> SILVA, Wellington Barbosa da. **O Recife no século XIX**: e outras histórias (1830-1890). Recife, Editora: Paco, 2018.

No final do século, a província de Pernambuco já estava integrada a diversas outras cidades do interior pelas linhas e estações de trem, as maxambombas deixavam os caminhos ainda mais curtos.<sup>7</sup> Também, já havia uma instalação de iluminação pública a gás, pouco democrática em que grande parte estava concentrada nas áreas mais urbanizadas da capital, que eram ocupadas pela elite recifense.

Essas mudanças permitiram que várias ideias, inclusive as antiescravistas, se firmassem e circulassem dentro da capital. E ainda, possibilitaram que o movimento tomasse conta das ruas. A faculdade de direito do Recife foi palco de discussões sobre assuntos variados, dentre eles, a abolição e a pauta da república tiveram destaque. Era esse, um dos lugares onde as ideias eram trocadas com frequência entre os intelectuais. Enquanto isso, nas ruas, a iluminação e os transportes tornaram possível fazer com que as mobilizações dos abolicionistas, em espaços públicos, durassem por mais tempo, alcançando mais pessoas.

### **O Movimento Abolicionista no Recife**

Em Pernambuco, foi na década de 1880 que a campanha pela abolição ganhou intensidade e ameaçou a sobrevivência da escravidão, quando diversas associações emancipacionistas foram fundadas por toda a província, grande parte concentrada na capital, Recife. No dia 06 de outubro de 1883, na coluna “Gazetilha” do Jornal do Recife, informa que ocorreu a eleição da diretoria do Centro Abolicionista de Pernambuco. Onde ficou constituído da seguinte forma: presidente, Dr. Barros Barreto; 1º vice Presidente, João Mendes; 2º dito, Barbosa Lima; 1º secretário, Henrique Stepple; 2º dito, Eugenio Bittencourt; thesoureiro, Miranda Seve; orador, Aquino Fonseca; suplentes de secretários, Pereira da Silva Junior e Cavalcante de Lacerda; procuradores, Paulo de Oliveira Junior, Assunção Penna, Ribeiro de Brito e Antunes de Oliveira. Na ocasião nomearam uma comissão composta pelos srs. Barros Barreto, Aquino Fonseca e Henrique Stepple para representar o clube na Confederação Abolicionista. Ainda, o sr. Aquino Fonseca fala com a autorização de José Marianno que ele não só aderiu às ideias do Centro, como se esforçava em Pernambuco para torná-las efetivas.<sup>8</sup>

Assim como o Centro Abolicionista, o Diário de Pernambuco registrou mais de 20 notas anunciando fundações de clubes emancipacionistas entre 1883 a 1888. Dentre eles estão: o Clube do Cupim, Club Abolicionista, Ave Libertas, Associação 7 de Novembro, Clube Carlos Gomes, Sociedade Nova Emancipadora, Club Ferreira França, União Abolicionista Comercial, Club Abolicionista Martins Júnior, Club Abolicionista Joaquim Nabuco, Club Tavares Barreto, entre vários outros. Vale ressaltar que na década de 1880,

---

<sup>7</sup> Idem

<sup>8</sup> GAZETILHA. **Jornal do Recife**, n. 230, p.2, 06 out. 1883.

Recife contava com uma população de aproximadamente 115 mil habitantes, dos quais 10% eram de escravos.<sup>9</sup> Entre 1884 e 1888 foram fundadas 26 associações abolicionistas na capital.<sup>10</sup> Para uma população significativamente pequena, o número de pessoas insatisfeitas com o sistema escravista nesse momento conseguiu causar graves impactos e provocar prejuízos no sistema escravista local.

Estudos mais recentes sobre o movimento abolicionista na cidade do Recife, tem evidenciado que essas associações não eram ocupadas apenas por homens brancos pertencentes à elite, existiam algumas exceções como a Ave Libertas - sociedade liderada por mulheres -, e o Clube do Cupim - associação que aceitava membros de diversas camadas sociais - que trazem à luz o protagonismo de abolicionistas vindos de grupos subalternos da sociedade. A partir de Jacilene Leandro vemos a participação das mulheres que organizavam ilustres eventos abolicionistas que alcançavam grandes públicos. Essas moças e senhoras conseguiram sensibilizar numerosos recifenses com as ideias antiescravistas.<sup>11</sup> Já Arthur Danilo de Souza, enfatiza as ações do Clube do Cupim, permitiam que livres pobres, libertos e até mesmo alguns escravizados se tornassem membros ativos da associação.<sup>12</sup>

### **Divergências dentro do Movimento**

Antes de abordar sobre as estratégias legais e extralegis dos clubes abolicionistas da cidade do Recife, é importante ressaltar que o abolicionismo brasileiro não era unilateral, e possuía suas divergências. Dentro do movimento, existiam grupos que apoiavam a ideia de que a abolição deveria ser alcançada de maneira lenta e gradual, em contrapartida estavam os grupos que reivindicavam por uma abolição imediata e não indenizatória. Levando a discussão para terras pernambucanas, temos como exemplo o Joaquim Nabuco, como abolicionista moderado, e João Ramos, como abolicionista radical.

Joaquim Nabuco representou uma figura de suma importância do movimento abolicionista em Pernambuco e no Brasil. Embora fosse monarquista e pertencesse a uma família de escravocratas, construiu carreira política e lutou pelos direitos dos escravizados. De acordo com Angela Alonso, a postura moderada de Nabuco se deu pelo reconhecimento

---

<sup>9</sup> CASTILHO, Celso. **Agitação abolicionista, transtornos políticos**: o Recife na véspera da campanha abolicionista. In: ALBUQUERQUE, Severino J. (org.). Joaquim Nabuco e Wisconsin: centenário da conferência na universidade, ensaios comemorativos. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2010.

<sup>10</sup> SALES, Maria Leticia Xavier. **O Clube do Cupim e a memória pernambucana**. Revista do Arquivo Público, Recife, V.40, n.43, 1990.

<sup>11</sup> LEANDRO, Jacilene de Lima. **Mulheres abolicionistas ocupando o espaço urbano e social da cidade do Recife**. Faces da História, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 192–218, 2023. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/2509>. Acesso em: 25 de jan. 2024.

<sup>12</sup> SOUZA, Arthur Danilo Castelo Branco de. **Corroendo a árvore da escravidão: o clube do cupim e o movimento abolicionista em pernambuco 1880-1900**. Tese de doutorado, UFPE. Recife, 2023.

de que a resistência no Parlamento era “osso duro demais para roer de dentro”.<sup>13</sup> Em 1879, Nabuco propôs um projeto de abolição gradual da escravatura, com previsão de data de abolição definitiva em 1890, mas foi rejeitado pelo Legislativo. A realidade política naquele momento era de que o Partido Conservador detinha o apoio dos escravocratas, formando uma oposição extremamente forte e influente dentro do parlamento. Não foi por acaso que na eleição direta de 1884, o Partido Conservador assumiu o governo. Nessa ocasião, Joaquim Nabuco foi o único abolicionista bem sucedido, tanto que sua candidatura virou símbolo nacional do movimento. Em 1879, Nabuco propôs um projeto de abolição gradual da escravatura, com previsão de data de abolição definitiva em 1890, mas foi rejeitado pelo Legislativo. Assim, podemos concluir que foi a partir de sua moderação que Nabuco conseguiu se manter na arena política defendendo a abolição.

Embora a postura de João Ramos inicialmente caminhasse junto com a de abolicionistas mais moderados como Nabuco - que defendia a difusão das ideias de emancipação somente junto aos proprietários e no parlamento -, ele mudou seu ideário a respeito, e adotou estratégias mais radicais ao longo dos anos como acoitar cativos, patrocinar e auxiliar fugas interprovinciais. Utilizando cartas trocadas entre abolicionistas e que estão contidas no IAHGP - Instituto histórico e geográfico pernambucano, Maria Emília Santos aponta uma carta escrita por Gualberto Silva, um abolicionista cearense, enviada do Ceará, em 4 de março de 1883, para o abolicionista pernambucano João Ramos, informando que já haviam sido dadas as devidas providências para receber o carregamento de Abacaxis — nome dado aos escravos fugidos e enviados para o Ceará — com a ajuda de pessoas engajadas na luta pela abolição para aquela direção.<sup>14</sup> A referida carta torna perceptível a ciência e possível participação de João Ramos nos trâmites de fugas interprovinciais realizadas por abolicionistas.

João Ramos foi fundador e presidente do Clube do Cupim, sociedade mista de abolicionistas, que surgiu em 8 de outubro de 1884. De início o clube chamava-se Relâmpago, posteriormente tornou-se o Clube do Cupim. Cada membro fundador recebia geralmente, um nome de uma província, e ao se comunicarem utilizavam muitas vezes esse “codinome”. Foram membros originários do clube do cupim: João Ramos (Ceará), João José da Cunha Lage (Amazonas), Euzébio Coimbra (Caxangá), Fernando de Castro Barreto (Maranhão), João Doudo (Tamarineira), Sebastião Arruda (Mocuripe), Guilherme Ferreira Pinto (Pernambuco), Veríssimo Doce (Aracaty), Alfredo Pinto Vieira de Mello (Minas Gerais), Antonio Costa (Maranguape), Nuna Alves da Fonseca (Alagoas); José de Mathias

---

<sup>13</sup> ALONSO, Angela. **O Abolicionista Cosmopolita: Joaquim Nabuco e a rede abolicionista transnacional**. Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, São Paulo, 2010.

<sup>14</sup> SANTOS, Maria Emília Vasconcelos dos. Antes do 13 de maio: O 25 de março no Ceará e o movimento abolicionista em Pernambuco. **Afro-Ásia**, 53 (2016), 149-183. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/22475/14384>>

(Lingueta), Gaspar Costa (Rio de Janeiro), Joaquim Cambraia (Larangeiras), Antonio Farias (Rio Grande do Sul), João Canella (Beberibe), Luíz Gonzaga do Amaral e Silva (Goiás), Rufino Pereira (Apipucos), Manuel Joaquim Pessôa (Rio Grande do Norte), Luiz Feliciano (Geriquity), Alfredo Ferreira Pinto (Bahia), Dyonisio Bastos (Pacatuba).<sup>15</sup> Falaremos mais a respeito do clube do cupim um pouco mais a frente deste artigo.

### **Estratégias legais a partir das notas dos Jornais**

No século em que nos debruçamos neste artigo, os jornais conquistaram espaço como uma importante fonte de informação da sociedade brasileira. Percebendo isto, os abolicionistas começaram a utilizar a imprensa como ferramenta imprescindível para formar a opinião pública a respeito da escravidão. Sendo o Diário de Pernambuco e o Jornal do Recife periódicos que tiveram um amplo alcance dentro da província, e que muito foram utilizados por militantes do movimento, trago algumas de suas notas para discutirmos a respeito das atividades legais promovidas pelos mesmos em prol da abolição.

Como mencionado anteriormente neste trabalho, o teatro abolicionista teve um papel fundamental na difusão da propaganda abolicionista. Para Luana Nascimento:

O movimento abolicionista brasileiro combinou o discurso político com concertos, artes cênicas e distribuição de cartas de alforria. Formando verdadeiros espetáculos da liberdade, fórmula que se difundiu por todo o Império.<sup>16</sup>

No dia 05 de junho de 1884, o Jornal do Recife publicou uma nota informando que o Clube Abolicionista Martins Júnior estava preparando um espetáculo abolicionista intitulado de “Consequências de um Rapto”, escrita exclusivamente por Arthunio Vieira, o próprio presidente do clube.<sup>17</sup> Esta foi apenas uma das inúmeras peças promovidas por abolicionistas que tinham como objetivo fazer propaganda do movimento, incitar a criticidade dos espectadores e despertar um sentimento de aversão a prática da escravidão.

Entretanto, mesmo conseguindo conquistar adeptos à causa através da realização de espetáculos, os teatros eram frequentados por um público limitado e específico, a elite recifense, e cobravam entradas para direcionar o valor arrecadado aos gastos das sociedades abolicionistas e aos fundos de emancipação. Ainda que algumas sessões fossem abertas ao público comum, permitindo que pessoas menos favorecidas tivessem acesso, era um contato momentâneo. Isto posto, as manifestações públicas como as marchas e os festejos, por exemplo, foram também importantes para que os sujeitos menos

---

<sup>15</sup> Ligeiros apontamentos para a história da abolição em Pernambuco. 13 de maio de 1905, Recife. MEPE - Museu do Estado de Pernambuco.

<sup>16</sup> NASCIMENTO, Luana Beatriz Lopes do. **Espetáculos da Liberdade**: O movimento abolicionista e o campo teatral na cidade do Recife entre os anos de 1880 e 1888. Anais da ANPUH - Goiás, 2022.

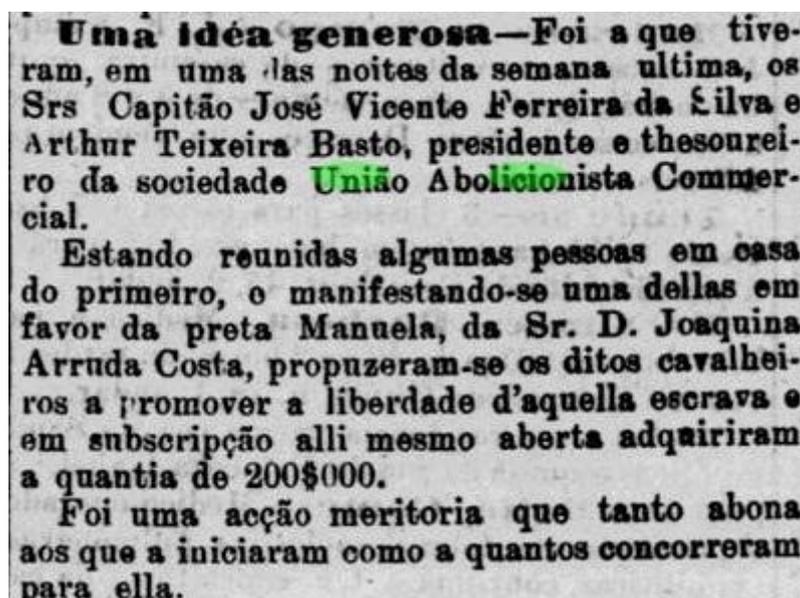
<sup>17</sup> Jornal do Recife, Recife, Ed 121, 05 de jun. de 1884. Gazetilha, p. 1.

favorecidos da sociedade pudessem apresentar as suas denúncias. Como a série de festejos realizada no dia 25 de março de 1884, em comemoração à abolição total da escravidão na província do Ceará. As referidas festas foram executadas no Campo das Princesas e no Teatro de Santa Isabel, e contaram com a participação massiva da população e de diversas sociedades abolicionistas da Cidade do Recife.<sup>18</sup> Contudo, a ocupação dos teatros e das ruas foi fundamental para que os abolicionistas conquistassem uma quantidade numerosa de apoiadores, pertencentes às mais diversas camadas da sociedade recifense.

Para além do discurso, os abolicionistas realizaram diversas ações para subsidiar compras de alforria, como a promoção de bazares, *meetings* e conferências. Além disso, deixavam suas associações abertas e anunciavam nos jornais que estavam recebendo doações. Como a sede da Sociedade Nova Emancipadora que manteve-se aberta diariamente no período das nove às dezesseis horas, a fim de arrecadar donativos e cartas de alforrias para realizar as comemorações do 25 de março.<sup>19</sup>

Alguns abolicionistas também se dirigiam presencialmente na casa de alguns escravistas para comprar seus escravizados e libertá-los em seguida. Como no episódio em que o presidente José Vicente Ferreira da Silva e o tesoureiro Arthur Teixeira Bastos, da União Abolicionista Comercial, se reuniram com outras pessoas e foram até a casa de Joaquina Arrenda Costa, onde propuseram pagar a quantia de 200\$000 para que libertasse a preta Manuela.<sup>20</sup>

#### Imagem 1: Recorte do Jornal do Recife, 1884.



Fonte: Jornal do Recife, 21 de set. de 1884. Ed. 218. p.1.

<sup>18</sup> **Diário de Pernambuco**, Recife, Ed. 72, 27 de mar. de 1884. Revista Diária, p.1.

<sup>19</sup> **Diário de Pernambuco**, Recife, Ed. 69, 22 mar. 1884. Revista Diária, p. 1.

<sup>20</sup> **Jornal do Recife**, Recife, Ed. 218, 21 de set. de 1884. Gazetilha, p. 1.

Por fim, as instituições formais do Império, como o Parlamento, eram locais destinados a poucos, em especial, aos homens letrados da elite. Ainda assim, os abolicionistas que possuíam esses requisitos enfrentavam diversas dificuldades para se manter no governo, como já discutido anteriormente no tópico “Divergências dentro do Movimento”. Enquanto alguns abolicionistas combatiam a escravidão dentro das tribunas, outros fundavam e mantinham as associações em funcionamento. Ainda, existiam os abolicionistas radicais que junto aos escravizados ameaçavam o sistema escravista, causando um verdadeiro pânico nos senhores de engenhos. Com o tempo, a atuação do movimento abolicionista brasileiro e a resistência dos escravizados pressionou os reacionários e o governo imperial, acelerando o fim da escravidão.

### **Estratégias extralegais nas documentações pessoais**

Com o rumo da lentidão do projeto abolicionista do Imperador, os abolicionistas começaram a infringir leis para libertar os escravizados das mais diversas formas possíveis. Na cidade do Recife, um dos clubes de destaque que cometeu inúmeras ações criminosas, nesse momento, foi o clube do cupim. Em um escrito, de 1905, Carneiro Vilela conta que ao longo dos anos os cupins foram se multiplicando e tomando rédeas cada vez mais audaciosas, ampliando, por exemplo, o furto dos escravizados de vários engenhos.

Os cupins iam exercendo a sua ação e propagavam-se, multiplicavam-se. Foi então que agindo em silêncio, como que nas trevas, com o rigoroso sigilo dos bons conspiradores, que se alargou o furto dos escravos, ao princípio de um a um, depois aos dois, aos quatro, e mais tarde aos dez, até chegar a fábrica inteira dos engenhos, alguns dos quais quase ficaram despovoados [...] <sup>21</sup>

Neste mesmo documento, Vilela faz menção a um episódio em que Fernando Castro - orador do clube - foi passar suas férias no engenho do seu tio, e furtou alguns escravizados, sem que seus parentes suspeitassem. Ainda revela que Lino Falcão - auxiliar do clube - disfarçava-se de vendedor de fumo para entrar nas senzalas, no meio da noite, e induzir os cativos à fuga, guiando-os em seguida até o Recife, onde o clube os recebiam e lhes dava destino para o Ceará.

Na perspectiva de historiadoras como Maria Emilia Vasconcelos e Keila Grinberg, o 25 de março de 1884 foi um marco significativo que afetou diretamente os trâmites do movimento abolicionista pernambucano. Para Vasconcelos:

No Brasil, a definição de território estava atrelada à possibilidade de aquisição de direitos. Nesse sentido, o trânsito dos escravos para regiões

---

<sup>21</sup> Ligeiros apontamentos para a história da abolição em Pernambuco. 13 de mai. de 1905, Recife. MEPE - Museu do Estado de Pernambuco.

onde não havia escravidão possibilitava a mudança da condição do indivíduo, dependendo do lugar onde ele estava ou do lugar onde vivia. Nessas condições, o solo livre poderia conferir liberdade a um sujeito. Com esse dado em mente, os integrantes do Clube do Cupim se aproximavam dos escravos do interior de Pernambuco, faziam propaganda do abolicionismo e encorajavam-os a fugir para a cidade do Recife. Da capital pernambucana os cupins auxiliavam no transporte dos fugitivos para a Província do Ceará.<sup>22</sup>

Os abolicionistas utilizavam a rota de Recife para Mossoró e dali eles eram transferidos para Aracati e Fortaleza.<sup>23</sup>

Em sua autobiografia, João Ramos disse que entrou na campanha firmado na ideia de que “para libertação dos escravos todos os meios são bons”.<sup>24</sup> Guiados por esta perspectiva os cupins tramavam planos mirabolantes para conseguir libertar cativos. No escrito de Carneiro Vilela, é narrado o dia em que um grupo de cupins roubam a escrava do Barão de Jaboatão. O documento conta que Francisco Lauria, havia alugado uma escravizada do Barão, e tinha oferecido a quantia de um conto e seiscentos para libertá-la. Além de recusar a proposta, o Barão disse que era um “desaforo” Lauria querer alforriar a escrava. Decidido a dar uma lição no escravista, os cupins colocaram em prática um plano de roubo e fuga da mesma.

José Marianno conseguiu, dando a mão à referida escrava e ajudando-a, faze-la passar da varanda da sala de trás da casa de Lauria para a varanda da casa de junto, levando-a à rua da Imperatriz. Ali estava de espera o João Ramos e o Affonso de Araújo que tomaram conta da escrava e foram-na esconder na casa de uma família cupim á Baixa Verde. Dias depois era domingo de carnaval, e munidos de três dominós iguais, João Ramos, o próprio Lauria e a escrava, devidamente fantasiados, partiram da Baixa Verde, atravessaram toda a cidade [...] e embarcaram a ingleza em uma barcaça do cais da Regeneração.<sup>25</sup>

Contudo, os furtos de escravos, o acoitamento e as fugas interprovinciais, foram importantes estratégias extralegais, adotadas pelos rebeldes. Embora seja enfatizado neste trabalho as referidas estratégias, são muitas as que ainda são desconhecidas, pelo fato de

---

<sup>22</sup> SANTOS, Maria Emília Vasconcelos dos. O 25 de março de 1884 e a luta pela libertação dos escravos em Pernambuco. **Clio**: revista de pesquisa histórica, nº 33.2. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaclio/article/view/24503/19798>

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> Notas autobiográficas de João Ramos, manuscritas do próprio punho em 4 folhas de papel almasso, pertencentes ao Sr. Eugenio Ramos e redigidas nos seguintes termos: In: SILVA, Leonardo Dantas. **A abolição em Pernambuco**. Op. Cit. p.55.

<sup>25</sup> Ligeiros apontamentos para a história da abolição em Pernambuco. 13 de mai. de 1905, Recife. MEPE - Museu do Estado de Pernambuco.

sua diversidade. As ações dos clubes abolicionistas do Recife, é um tema que ainda têm muito a revelar. Por fim, vale ressaltar que a rede de sociabilidade do clube do cupim mantinha ligações com sujeitos que ocupavam diferentes profissões. Assim, advogados, políticos, comerciantes, e até mesmo policiais terminaram fazendo parte dessa sociedade secreta, o que facilitava suas ações.

### **Resistência negra: A participação no movimento abolicionista**

Já de início é importante destacar que desde os primórdios da escravização no Brasil, os negros sempre lutaram por liberdade. No século XIX, a população negra escravizada se opunha ao sistema escravista utilizando diversas estratégias, dentre elas estavam: as sedições, conspirações, suicídios, fugas e variados atos de rebeldia. No que cabe ao repertório do movimento abolicionista da década de 80, destacarei três pontos principais. O primeiro, se refere à participação dos escravizados no planejamento das fugas em massa. O segundo, enfatiza a importância do cargo de auxiliar do clube do cupim ser ocupado por pessoas negras. E o terceiro, aponta que a população negra estava se organizando politicamente para lutar pelos seus direitos.

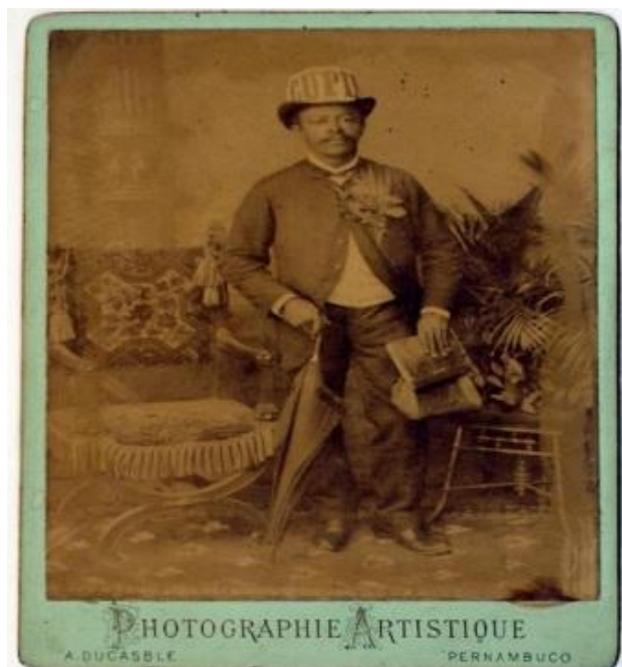
Na década de 80, as fugas em massa não eram planejadas apenas pelos abolicionistas, a participação dos escravizados era essencial para que os radicais obtivessem sucesso. De um lado, os abolicionistas radicais arquitetavam como iriam dar suporte nas fugas, transporte, e acoitamento aos fugitivos. Do outro, os escravizados planejavam as fugas - a partir do senso de oportunidade - e mantinham os abolicionistas informados do funcionamento das fazendas. Sem a colaboração dos escravizados, e sem as informações necessárias, os abolicionistas não conseguiriam determinar o momento propício para colocar o plano de fuga em prática de uma maneira organizada.

De acordo com Arthur Danilo, além da pauta abolicionista, os chefes do cupim estavam ocupados com suas atividades no comércio, nas instituições onde trabalhavam e estudavam, e não conheciam o cotidiano da população livre pobre e escrava tão bem quanto os auxiliares. Isto posto, o trabalho dos auxiliares mantinha uma ponte de comunicação entre as senzalas e o clube do cupim.

Dentro do referido clube, alguns dos cargos de “auxiliares” eram ocupados por negros e pardos. Esses homens, se disfarçavam para conseguir entrar nas senzalas, para manter uma comunicação constante com os escravizados. Contudo, os auxiliares entregavam aos chefes um “conhecimento de terreno” que davam uma dimensão dos problemas que eles iriam enfrentar. De acordo com Arthur Danilo, os auxiliares faziam o trabalho pesado, adentrando senzalas, embarcando, transportando e guiando os

escravizados, coordenando suas fugas.<sup>26</sup> Dentre outros, Sebastião Grande Arruda, foi um dos auxiliares mais ativos do clube.

**Imagem 2: Sebastião Grande Arruda**



**Fonte: Coleção Francisco Rodrigues, da Fundação Joaquim Nabuco (Recife/PE)**

Logo após a abolição, quando os cupins saíram às ruas, Sebastião Grande de Arruda esteve presente nas comemorações e chegou até mesmo a ser escolhido por Alfredo Duscable para posar – todo altivo – para uma foto com o seu chapéu escrito Cupim.<sup>27</sup>

Por fim, vale ressaltar que a participação dos negros no movimento abolicionista revela sua atuação na vida associativa. Assim, Lino Falcão, mencionado no tópico anterior, Sebastião Arruda, Juvenal Machado, José Rufino, João Doudo, José de Mathias e João Canella são apenas alguns dos inúmeros pretos que protagonizaram a história da abolição na Cidade do Recife e de Pernambuco.

### **Considerações Finais**

A década de 80 do século XIX, foi marcada por lutas sociais muito intensas, o abolicionismo foi uma delas. Nesta década, Pernambuco formava uma arena de embates travados entre abolicionistas e reacionários. Na guerra contra a escravidão, os abolicionistas ficaram cansados de esperar que o lento processo da abolição - prometido

<sup>26</sup> SOUZA, Arthur Danilo Castelo Branco de. **Corroendo a árvore da escravidão: o clube do cupim e o movimento abolicionista em pernambuco 1880-1900**. Tese de doutorado, UFPE. Recife, 2023.

<sup>27</sup> Idem

pelo imperador e a mercê dos senhores de engenho - se conquetriza-se. Nesse contexto, os abolicionistas adotaram estratégias radicais para conseguirem alcançar o maior número de liberdades possível.

Na decadência do sistema escravista, as ações dos abolicionistas junto à resistência negra causaram prejuízo para os senhores de engenho e aceleraram os trâmites da abolição. Depois do 25 de março de 1884, que aboliu a escravidão no Ceará, o movimento abolicionista pernambucano teve a certeza de que a pressão social trazia resultados, isso impulsionou as ações ilegais dos militantes.

Por fim, a partir da perspectiva construída neste trabalho, é possível perceber que a resistência da população negra do século XIX vai além das revoltas, conspirações, fugas e suicídios. Sua participação ativa na vida associativa e em ações abolicionistas, indica que eles estavam se organizando politicamente para reivindicar suas pautas e alcançar não apenas a sua liberdade individual, mas também a do seu povo. Assim, eles não estavam em uma situação de parcialidade nos trâmites da abolição, mas sim de protagonismo.

### Referências Bibliográficas:

ALONSO, Ângela. **Flores, Votos e Balas**: O movimento abolicionista brasileiro (1868-88). Companhia das Letras, São Paulo, 2015.

ALONSO, Angela. **O Abolicionista Cosmopolita**: Joaquim Nabuco e a rede abolicionista transnacional. Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, São Paulo, 2010.

CASTILHO, Celso. **Abolitionism Matters**: The Politics of Antislavery in Pernambuco, Brazil, 1869-1888. California, 2008.

CASTILHO, Celso. **Agitação abolicionista, transtornos políticos**: o Recife na véspera da campanha abolicionista. In: ALBUQUERQUE, Severino J. (org.). Joaquim Nabuco e Wisconsin: centenário da conferência na universidade, ensaios comemorativos. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2010.

GUEDES, Rosilda Remígio. **A Preservação do Cotonifício da Torre**: usos da memória e problemas urbanos. Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Museologia da UFPE- Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

LEANDRO, Jacilene de Lima. **Mulheres abolicionistas ocupando o espaço urbano e social da cidade do Recife**. Faces da História, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 192–218, 2023. Disponível em: <<https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/2509>>. Acesso em: 25 de jan. 2024.

MACHADO, Maria Helena. **O Plano e o Pânico**: Os movimentos sociais na década da Abolição. Rio de Janeiro: Editora. EDUSP, 1994.

NASCIMENTO, Luana Beatriz Lopes do. **Espetáculos da Liberdade**: O movimento abolicionista e o campo teatral na cidade do Recife entre os anos de 1880 e 1888. Anais da ANPUH - Goiás, 2022.

SALES, Maria Letícia Xavier. **O Clube do Cupim e a memória pernambucana**. Revista do Arquivo Público, Recife, V.40, n.43, 1990.

SANTOS, Maria Emília Vasconcelos dos. Antes do 13 de maio: O 25 de março no Ceará e o movimento abolicionista em Pernambuco. **Afro-Ásia**, 53 (2016), 149-183. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/22475/14384>>

SANTOS, Maria Emília Vasconcelos dos. O 25 de março de 1884 e a luta pela libertação dos escravos em Pernambuco. **Clio**: revista de pesquisa histórica, nº 33.2. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaclio/article/view/24503/19798>>

SILVA, Wellington Barbosa da. **O Recife no século XIX**: e outras histórias (1830-1890). Recife, Editora: Paco, 2018.

SILVA, Eduardo. Integração, **Globalização e Festa**: A abolição da escravatura como história cultural. In: PAMPLONA, Marco A. (org). Escravidão, exclusão e cidadania. Rio de Janeiro, 2001.

SOUZA, Arthur Danilo Castelo Branco de. **Corroendo a árvore da escravidão**: o clube do cupim e o movimento abolicionista em pernambuco 1880-1900. Tese de doutorado, UFPE. Recife, 2023.